

entrevista **António Cerca Martins**
fotografia **Pedro Ramos**

“Há 50 anos tínhamos seis professores catedráticos e agora temos somente cinco”

Em véspera do Dia da Faculdade, o diretor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, Fernando Ramos, destacou a qualidade e quantidade de investigação que se realiza na instituição e pediu mais docentes e professores catedráticos. Fernando Ramos salientou ainda a taxa de empregabilidade dos estudantes da faculdade

Que balanço faz deste primeiro ano do seu segundo mandato a frente da FFUC?

No primeiro mandato, em particular, no último ano, atingimos os melhores resultados de sempre. Há dois ou três factos que provam bem o que digo. Por um lado, ajudámos a subir o ranking da Universidade de Coimbra (UC). Os rankings valem o que valem, mas temos uma contribuição muito grande para a UC ser uma das melhores 500 universidades do mundo. No ranking do ramo das Ciências farmacêuticas, estamos entre as 100 melhores faculdades do mundo nesta área de estudo. Isto deve-se essencialmente aos estudantes, aos docentes e aos investigadores.

Como tem olhado para a investigação na sua faculdade?

Os investigadores têm colocado a investigação num patamar bastan-

te elevado. No último ranking que saiu, em 2022, 12 dos 59 docentes da faculdade estão na lista dos 2% cientistas mais citados a nível mundial. Isto significa que publicamos muito e publicamos bem. Na nossa faculdade a média de publicação de artigos por docente, em 2023, foi de 4,5 artigos por investigador e a média nacional anda nos 1,9. Mas mais do que o número de publicações, importa também a qualidade. Somos citados dos Estados Unidos, à Austrália ou à China.

Há margem para a faculdade ainda evoluir?

Margem haverá até sermos a faculdade número um no mundo, mas temos que ser realistas. A ambição existe e temos que tentar melhorar sempre, mas não é fácil porque para isso precisamos de pessoas. Há um contacto com a reitoria para aumentarmos o número de trabalhadores. Feliz-

mente também temos muitas pessoas a quererem trabalhar connosco. O ano passado, para cada vaga de investigador tínhamos sempre quatro candidaturas.



Na nossa faculdade a média de publicação de artigos por docente, em 2023, foi de 4,5 artigos por investigador e a média nacional anda nos 1,9

É necessário de dar mais tempo aos seus investigadores?

Há projetos que necessitam de dedicação e tempo. Por exemplo, a implementação do GeneT vai implicar que o colega que o coordena, no próximo ano, seja dispensado das suas tarefas de docente.

Mas alguém vai ter que o substituir...

Por falar em GeneT... O Centro de Excelência em Terapia Génica em Portugal foi apresentado em janeiro com um investimento de 38 milhões de euros. É mais uma prova do sucesso da investigação da faculdade?

Esse é mais um projeto liderado pela faculdade e diz bem do impacto da nossa investigação e com investimento do Plano de Recuperação e Resiliência. Às vezes é mais fácil obter investimento europeu do que na Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Não quero estar a criticar a FCT, mas é curioso que alguns projetos que são catalogados com patamar de excelente e depois não têm o nível do financiamento que conseguimos na Europa. Não é com o financiamento da UC que atingimos o nível que atingimos. Tenho que



tirar o chapéu aos nossos investigadores.



Às vezes é mais fácil obter investimento europeu do que na FCT. (...) é curioso que alguns projetos que são catalogados com patamar de excelente e depois não têm o nível do financiamento que conseguimos na Europa

No final do ano, a UC Biomed começará a funcionar no Polo III. Que ligação haverá com a faculdade de farmácia?

Temos alguns grupos de investigação que estão a discutir com a UC Biomed para terem um espaço lá, particularmente a insta-

lação do Instituto para o Envelhecimento, que será uma bandeira do centro de investigação. Por outro lado, a UC Biomed cria outras condicionantes que me preocupam. A reorganização do Polo III é urgente. É necessário planear e levar à prática a reorganização do polo, em termos de circulação e estacionamento. Isso vai-se refletir na segurança de todos os que por aqui passam.

Na sua tomada de posse também fez referência à cantina do polo 3... A sua ampliação é uma necessidade?

Claro. As faculdades de farmácia e de medicina cresceram em número de estudantes e, mesmo havendo horários desfasados, há filas para além do desejável. É também um projeto de que eu já vi uma versão, mas ainda não avançou. Não basta atrairmos os melhores estudantes, temos que lhes dar condições.

Tem havido um crescimento do número de estudantes na faculdade que lidera. Ainda há margem para crescer?

Acima de tudo, não queremos abdicar da nossa qualidade, mas ainda temos uma margem de progressão porque nós formamos farmacêuticos e os nossos parceiros empregadores dizem-nos que precisam de mais trabalhadores. Por outro lado, abrimos mais dois cursos de mestrado este ano e queremos abrir, em articulação com a Faculdade de Medicina, uma licenciatura na área das ciências da nutrição.

Quais são os níveis de empregabilidade dos estudantes da FFUC?

Os estudantes têm uma empregabilidade quase total, muitos deles antes de acabarem o curso. A nossa maioria tem emprego no primeiro trimestre depois de acabarem o curso. Os nossos

estudantes de doutoramento têm tido uma aceitação na área de investigação, mas também na indústria farmacêutica. As empresas percebem que necessitam de desafios que fujam à rotina e esses estudantes podem propor esses desafios. Não é por acaso que a região Centro é a zona com maior produção de medicamentos em Portugal.



Os estudantes têm uma empregabilidade quase total, muitos deles antes de acabarem o curso. A maioria tem emprego no primeiro trimestre depois de acabar o curso

Isso deve-se também à faculdade?

Claro. Não é só a Bluepharma, mas também a Labialfarma, a Medinfar em Condeixa, entre outras tantas. Há muita produção nesta região que também puxa por nós. A FFUC trabalha diretamente com estas empresas na inovação.

Qual a adesão aos cursos não conferentes de grau?

Essa é uma boa questão. Neste momento só temos dois cursos não conferentes de grau – um online relacionado com óleos essenciais – e o outro é feito, em conjunto com o ICNAS, em Radio-farmácia. As vagas estão todas preenchidas nos dois cursos. Gostaríamos de ter quatro ou cinco cursos desses, mas não temos possibilidade. Eu não posso pedir mais aos meus colegas, nós já trabalhamos de segunda-feira a sábado.

Há portanto uma necessidade de contratar mais docentes para a faculdade.

Sim, essa questão está em curso. Em 2022, tínhamos 59 docentes, atualmente temos 62 e já temos mais três vagas a concurso. Além disso, estão já acordados mais três concursos para este ano, ficando a FFUC com

68 docentes. Vamos tentar rejuvenescer o corpo docente da faculdade. É preciso também aumentar a margem do número de docentes convidados.

E quantos docentes catedráticos é que a faculdade tem?

Essa questão é engraçada porque fizemos uma exposição sobre os 50 do 25 de Abril e o que reparámos é que há 50 anos tínhamos seis professores catedráticos e agora temos somente cinco. Claro que está em curso a abertura de três vagas para professores catedráticos, mas são precisos mais. Houve muitos que se aposentaram e não foram substituídos.

A faculdade tem conseguido realizar eventos de relevância nacional e internacional. É uma aposta da direção conseguir atrair estas iniciativas?

Sim, conseguirmos trazer estes eventos diz bem do nosso papel liderante nesta na área. Este ano tivemos um seminário na área da regulação do medicamento em que reunimos a autoridade brasileira e portuguesa, com os seus presidentes e com a presença da ministra da Saúde, diz bem do prestígio da faculdade. Em outubro organizamos um congresso Iberoamericano, onde tivemos mais de 300 pessoas dos países americanos e Espanha. Isto só prova a relevância de como olham internacionalmente como olham para nós. Para este ano temos já agendados dois importantes eventos. De 28 a 30 de agosto vamos receber o Encontro anual do GP2A (Group for the Promotion of Pharmaceutical chemistry in Academia) e de 2 a 4 de outubro vamos receber o XV Congresso Internacional de História da Loucura, Psiquiatria e Saúde Mental / VII Simpósio Internacional Mulheres e Loucura. No próximo mês teremos provavelmente uma boa novidade.

Pode desvendar o véu?

Ainda não sabemos o resultado, mas há uma reunião da Associação Europeia das Faculdades de Farmácia e haverá uma nova direção que fomos convidados a integrar. Es-

tou com alguma expectativa de, no dia 15, sermos um dos membros eleitos da associação.

Como é que vê o trabalho do núcleo de estudantes?

O Núcleo de estudantes de Farmácia da AAC merece o meu destaque pelo seu trabalho. São o núcleo mais dinâmico. Eles têm uma atividade complementar e virada para a sociedade, como é, por exemplo, a iniciativa “Portugal dos Pequenitos”. Deram a conhecer à cidade e às crianças o mundo da farmácia. Também a Associação de Antigos Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra é um grande parceiro pela construção de rede de todos os que passaram pela faculdade com as empresas do setor.



Estou com alguma expectativa de, no dia 15 de maio, sermos um dos membros eleitos da direção da Associação Europeia das Faculdades de Farmácia

O que é que tem programado para o Dia da Faculdade?

Vai ser uma cerimónia simples, mas com muito significado e importância. Neste dia damos sempre palco a quem nós julgamos ser importante. Este ano vamos dar ao doutor Paulo Barradas, um antigo estudante da FFUC e que tem um papel fundamental na indústria farmacêutica onde a Bluepharma é um exemplo notável. Vamos também distinguir o mérito dos estudantes dos vários ciclos de estudo. Resolvemos distinguir também a estudante de doutoramento que teve mais citações no seu trabalho, com 102 citações em 2023. Não deixa de ser curioso que essa estudante é hoje um quadro superior do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge.